

Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Colegiado de História

Os sentidos da devoção e da comunidade nas celebrações da festa de Santa Teresinha no Aninga (Parintins, Amazonas)

Rainesson Marchão Magalhães
Diego Omar da Silveira (orientador)

Resumo: O presente artigo aborda a festa em honra a Santa Teresinha, realizada na comunidade Santa Teresinha – Aninga, localizada no Município de Parintins, Amazonas. Dessa forma, buscou-se por meio da memória e de narrativas orais de homens e mulheres, elencar relatos acerca da festa religiosa, as transformações históricas, evidenciando a importância da festa no catolicismo, fazendo também um breve relato sobre a história da comunidade articulada em torno da devoção e da festa da padroeira. A festividade em honra a santa acontece no último final de semana do mês de setembro e início do mês de outubro, transformando-se em um momento de fé e lazer que fortalece os laços comunitários e possibilita a aproximação de alguns grupos sociais.

Palavras-chave: Festa religiosa; narrativas orais; comunidade Santa Teresinha; Aninga; Parintins.

Introdução

O município de Parintins, localizado as margens da bacia hidrográfica do Rio Amazonas é um local conhecido pelo Festival Folclórico, festa que acontece anualmente entre os bois-bumbás Garantido e Caprichoso. Pode-se dizer que este evento é o que identifica a cultura parintinense. Porém, devemos evidenciar que esse não é o único meio de manifestação cultural local. Temos também as festas religiosas, como por exemplo da padroeira da cidade, Nossa Senhora do Carmo que acontece no mês de julho.

Por fazermos abordagens às festas religiosas, objeto de estudo dessa pesquisa, temos como lócus a festa que ocorre na Comunidade Santa Terezinha – Aninga, zona rural do Município de Parintins, localizada a noroeste do centro da cidade, a uma distância de aproximadamente 8 km. A referida comunidade foi fundada em 15 de outubro de 1965, pelo casal Taciana Paixão e Emilio Souza e, naquela época, era chamada somente de localidade do Aninga. Era um casal bastante influente na comunidade sempre preocupados com os integrantes da mesma. A partir do ano de 2000 houve maior desenvolvimento na infraestrutura da comunidade mediante as políticas públicas municipais, estaduais e federais que favoreceram a expansão da instalação da rede elétrica, pavimentação da estrada com camada asfáltica e da rede de água para os moradores.

As manifestações religiosas são bastante fortes no município de Parintins e nas comunidades rurais não poderia ser diferente. A festa católica em honra a Santa Terezinha, segundo relatos dos moradores mais velhos (na faixa dos 60 a 80 anos) sempre ocorreu no início do mês de outubro. Não tinha, porém, a mesma proporção que tem agora e que somente com o decorrer dos anos e a participação e ação de padres enviados pela Prelazia, e depois Diocese, de Parintins que as festividades tomaram a forma que tem atualmente.

Da forma como buscamos perceber a festa, ela articula em torno da devoção os sentidos da comunidade que são atualizados a cada ano em torno de laços de sociabilidade que se renovam em torno de atividades religiosas e sociais. A festa seria, assim, um dos elementos mais significativos de uma identidade local, comunitária e que se mantém católica, apesar das recentes dissidências evangélicas.

Importância da festa no catolicismo

A cultura de reunir-se para celebrar cerimônias dedicadas aos deuses e entidades religiosas está presente há muito tempo em diversas sociedades espalhadas pelo globo. Cada uma com seu panteão de divindades e santidades que remetem a crenças e religiões buscavam por meio de rituais festivos pedir e agradecer os favores de seres sobrenaturais na condução dos assuntos humanos, como a manutenção da vida por meio da plantação e colheita de alimentos, por exemplo.

No Brasil, “a Igreja católica, enquanto instituição e religião oficial do Estado português, chegou ao Brasil em 1500 com Pedro Álvares Cabral e daqui não mais saiu” (DEL PRIORE, 1996, p. 09). Os portugueses ao chegarem em terras brasileiras encontraram os indígenas e logo houve a necessidade de convertê-los ao catolicismo, pois “todo o não católico era considerado inimigo, infiel, aliado do demônio, um perigo para a unidade religiosa desejada por Roma. Por isso devia ser tratado com o rigor e a violência com que nas cruzadas foram tratados os mouros” (idem). A violência do colonizador em relação aos povos autóctones era legitimada por uma perspectiva sociorreligiosa, pois os indígenas tinham costumes e crenças diferente das dos portugueses, que por isso não eram valorizadas e eram discriminadas, sendo caracterizadas como uma cultura inferior. Como afirma Mary Del Priore (1996, p. 09),

foi com essa mentalidade que os portugueses instalaram no Brasil uma sociedade cristã. O português considerava-se cristão por direito e por nascimento; o indígena era visto como pagão e infiel. Os costumes do primeiro eram civilizados (...); os dos nativos, selvagens e bestiais. Os nomes portugueses eram cristãos, os nomes indígenas, pagãos. O combate contra os indígenas assumia caráter de uma guerra santa, de uma cruzada: cristãos lutavam contra selvagens perigosos e incrédulos pagãos (DEL PRIORE, 1996, p. 09).

Abordando as questões festivo-religiosas na Amazônia, tal prática estava presente nas sociedades aqui existentes, ou seja, nas tribos indígenas, com seus rituais, tanto festivos ou funerários, uma vez que através dessas festividades os indígenas tinham contatos com seus deuses, por meio de sinais, uma espécie de mediação através dos chefes religiosos para o povo indígena. Acerca disso Marcelo Camurça (2003, p. 26) afirma que “embora contendo suas particularidades contextuais, é possível falar da festa como fenômeno que perpassa todas as culturas, com sentidos diversos e com um fundamento comum: o da mediação. A festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações humanas.”

Sendo assim, mesmo as festas religiosas, para além do que as liga às instâncias sobrenaturais são também espaços de interação social, pois tratam-se de momentos em que grupos de pessoas se juntam, facilitando o diálogo, e celebram suas angústias e esperanças, de maneira que aquilo que estão vivendo se articula à expectativa (às vezes escatológica) de dias melhores. As festas religiosas surgem, assim, como momentos em que a sociabilidade do grupo comunitário é mais forte e evidente, pois todos estão envolvidos, em algum nível, com questões e interesses coletivos. “Pelo seu caráter de efervescência coletiva e exaltação de sentimentos sociais comuns despertados na assembleia ou rito festivo religioso, cria-se um vínculo social e uma imagem dele na mente de cada um dos participantes, assim como um sentimento de pertença destes ao

todo social” (CAMURÇA, 2003, p.10 e 11). Os momentos sociais que as festas religiosas propõem além desses criam também um elo entre amigos ou “irmãos”. Como destaca Sérgio Ivan Gil Braga (2004, p. 05), isso reforça

[...] as relações de afinidades na cultura cabocla da região amazônica, onde “todos” se reconhecem “parentes” no âmbito das comunidades locais. Aqui a “voz de sangue” tão cara às relações consanguíneas de uma colonização europeia, foram redimensionadas para um parentesco que estendeu suas relações para “compadres de fogueira”, “agregados”, filhos de adoção, casamentos preferenciais entre primos, “manos” e “maninhas” (BRAGA, 2004, p. 05)

Nesse sentido, as festas representam também momentos mais democráticos, que assumem, em certos contextos, um papel de inclusão social de determinados sujeitos e grupos. Elas facilitam processos identitários, reforçando a consciência de culturas locais/regionais, com narrativas e apelos direcionados aos moradores/membros da comunidade acerca de suas “raízes” culturais, religiosas e/ou sociais. Logo, a festa é um desses momentos de supressão da ordem cotidiana aonde essas pessoas se reconhecem como inseridas em coletividades que resistem no tempo e no espaço, às vezes por gerações. De acordo com Isidoro Alves (1980, p.102) em seu clássico estudo sobre o Círio de Nazaré em Belém do Pará,

a festa assume um nítido caráter identificador, isto é, serve como um poderoso aglutinador em torno de uma generalizada *identidade regional*, na medida em que se constitui [...], que mobiliza símbolos reconhecidos como próprios da sociedade local, como o Santo padroeiro, o clima da festa que é considerado típico, uma cozinha regional e assim por diante (ALVES, 1980, p.102).

Esses eventos têm, além disso, um efeito nostálgico no grupo, pois as pessoas se envolvem, na decoração, na edificação e manutenção da igreja, na arrumação do arraial, do andor do santo e do mastro, etc. Conforme Mary Del Priore (1996, p. 42) ela desdobra no tempo e no espaço a vigência do já se chamou de sociedade paroquial, na qual “tudo convergia para a festa” por que ela girava em torno da igreja que estava no centro da comunidade e que, não raro, nomeava a própria comunidade com a devoção de um santo e que fazia da celebração do dia do padroeiro “um dos momentos mais esperados” do ano.

Esse mesmo sentido também é indicado pelo folclorista amazonense Mário Ypiranga Monteiro em seu livro *Cultos de santos e festas profano-religiosas* (1983), “onde este reconhece a importância espiritual do catolicismo português orientando as “festas de santo” junto a outras práticas festivo-religiosas provenientes da contribuição da magia do índio e do negro a essas festas” (*apud* BRAGA, 2004, p.13).

Fazendo uma abordagem mais atual sobre as festas de santos, Teresinha Fraxe (2000) ressalta que a maioria delas se divide em dois momentos: o primeiro abrange a parte religiosa e o segundo a social. A “programação religiosa” consiste em um grupo de atividades composta pelas rezas do terço, a novena, a missa, as procissões e tudo o que é relacionado à questão da vivência religiosa e às demonstrações de fé pela comunidade. O segundo momento, chamado aqui de “programação social” envolve a organização de um entorno festivo já não tão religioso, como o arraial, as atrações musicais, os eventos esportivos, a venda de comidas, leilão, bingo e diversas outras atrações. Essas duas etapas se complementam e formam o contexto maior que é a festa de santo no catolicismo pelo menos desde os séculos XVIII e XIX. Nelas, “o ‘sagrado’ e o ‘profano’ são complementares, embora entre eles possa haver uma hierarquia que valorize mais o primeiro” (MAUÉS, 2011, p. 08). Na mesma direção, Ana Lúcia Cordeiro (2003, p. 46) observa que “conquanto a festa da padroeira seja um evento de caráter essencialmente religioso, onde o sagrado, o mito, ocupa uma posição proeminente, ela se apresenta também como um evento cultural e coletivo”. E, complementando, Alves (1980, p. 28) nos diz que a “a festa é um momento em que atuam de um lado a ordem e o respeito e, do outro, a informalidade, a camaradagem, o gesto festivo^[7], o encontro,^[2] a não-obediência às regras formais”. Do que se “pode inferir que é pela neutralização entre essas partes componentes que se caracteriza a Festa”.

História e memória da comunidade articuladas em torno da devoção à Santa Teresinha

A comunidade Santa Terezinha – Aninga fica localizada próximo à sede do município de Parintins. Não há muitos registros sobre os anos em que as primeiras famílias se instalaram na localidade. O nome Aninga origina-se da grande quantidade de uma planta nativa da Amazônia, a aninga, que predomina na localidade. Segundo os relatos de dois colaboradores já idosos:

a frente da comunidade era tomada de aninga. Contavam os mais antigos que bem no meio do aningal tinha uma restinga em que plantavam milho no tempo da seca. Depois de alguns anos já não se viam aningueiras aqui por perto... agora tem várias “reboladas” delas (Daniel Cabral, entrevista realizada em novembro de 2018).

Rapaz, esse aninga eu ouvir falar... teve um que falou, aninga é pau aí todos concordou... disso aí eu ouvi falar. Os velhos falavam e aí ficou Aninga. No começo foi assim, de dá esse nome... ficaram falando, falando e ficou Aninga (Romero Teixeira, entrevista realizada em novembro de 2018).

Imagem 2: Seu Emilio Sousa e dona Taciana Paixão de Sousa



Fonte: Acervo particular da família

O trabalho comunitário e os afazeres cotidianos na lavoura e criação de gado não eram a única coisa que fazia parte do cotidiano da vida na comunidade do Aninga. As festas, como a pastorinha e outras festas dançantes também se colocavam de maneira central para a cultura local. Nesse sentido, os relatos dos mais velhos nos permitem compreender as permanências e transformações históricas que aconteceram no decorrer das últimas décadas na comunidade. Buscamos entender fundamentalmente como começou a festa de Santa Teresinha do Menino Jesus, sem dissociá-la, entretanto, de outras manifestações culturais como a quadrilha e a brincadeira de Boi Campineiro, por exemplo.

Foram entrevistados, para tanto, 04 (quatro) pessoas com idades que variam entre os 60 e 80 anos, (Daniel Cabral Paes, 80 anos); (Nemézio Farias Damasceno, 76 anos); (colaborador Maria de Fátima Machado Marchão, 63 anos) e (Romero Teixeira da Silva, 77 anos). Eles foram selecionados porque nasceram ou se criaram na comunidade, o que imaginamos que pudesse garantir algumas recordações importantes sobre a história do lugar e responderam às perguntas de um roteiro semiestruturado.

A respeito da data de fundação das comunidades rurais, o primeiro bispo de Parintins, dom Arcângelo Cerqua em seu livro intitulado *Clarões de fé do Médio Amazonas* (1980, p. 311) explica que “a data de fundação em geral marca o reconhecimento oficial da Comunidade, que quase sempre coincidiu com a capela pelo menos provisória; n’alguns casos até aponta o tempo em que se construiu a capela de alvenaria”. Na perspectiva desse religioso:

Um grande número dessas comunidades, particularmente nos primeiros anos, nasceu como Congregação Mariana de homens, com capelas para culto e reuniões formativas. No entanto, em redor de cada capela, não demoraram a surgir escola, campo de jogo, cantina comunitária e etc..., tudo em terreno doado ou vendido à Prelazia; e os Marianos foram acompanhando outros movimentos e irmandades, como as Senhoras do Apostolado de Oração, a Cruzada Eucarística Infantil, Clube de jovens etc...e foram se organizando as várias atividades comunitárias coordenadas por pessoas responsáveis, qualificadas em cursos administrativos pela Prelazia no Centro de Treinamento ou no próprio interior (CERQUA, 1980, p. 311).

Essa versão não nos parece a única possível, mas é a mais conhecida e legitimada socialmente em Parintins. Há nela o risco de desconsiderar os agrupamentos sociais anteriores e de não reconhecer outros modelos de sociabilidade que não necessariamente tenham se organizado em torno de uma devoção ou instituição católica. Ainda assim, ela nos parece válida, na medida em que ajuda a traçar um breve histórico da localidade e também da festa religiosa, em especial os motivos da adoção dessa santa como devoção.

De acordo com as versões que ficaram na memória dos comunitários, a adoção de Santa Teresinha do Menino Jesus como padroeira da comunidade do Aninga antecede a data de fundação da comunidade. De acordo com a senhora Maria de Fátima:

Olha! Eu sei por que foi o seu Emilio Souza um dos moradores daquela área lá [centro da comunidade]... Ele adoeceu muito, ficou muito debilitado, mas ele já tinha essa santa como devoto. Como ele sendo devoto da santa, ele fez uma promessa com ela, que se ele ficasse bom que ela seria realmente a... não era a padroeira, mas que ele ia fazer festejos em honra a ela e foi por isso que ficou esse nome Santa Teresinha (Entrevista realizada em novembro de 2018).

De forma muito semelhante ao que acontece em muitas outras narrativas acerca de devoções em outras comunidades, uma vez curado o senhor Emilio Sousa começou cumprir sua promessa fazendo um festejo a Santa Teresinha. Primeiramente eram rezas, novenas com os rezadores que eram os próprios moradores:

Tinha os rezadores que rezavam em latim e na época eu... não sei como é, mas alguns eu ainda lembro né. Tinha o seu "Quidoco", que o nome dele era Euclides Teixeira. Tinha também o seu Verano Machado e o seu Luís Machado que acompanhavam ele né. Então eles faziam essa reza em latim e ficou padroeira da comunidade (Entrevista realizada em novembro de 2018)

No decorrer de um curto período de tempo, a festa em passou por transformações e reformulações, se institucionalizando paulatinamente. Antes era apenas uma festa de promessa para uma santa com quem o fundador da comunidade havia adquirido um

compromisso. Depois vieram os agentes institucionais da Igreja, como bem relembra um de nossos entrevistados (a senhora Maria de Fátima):

Aí depois vieram os italianos, os padres italianos. Os primeiros padres do PIME vieram e descobriram que ele fazia essa festa dançante, com reza de mastro... derrubada de mastro... e eles começaram a conversar com ele pra ele mudar o ritmo da festa né. Fazer uma festa mais religiosa... derrubada de mastro e a reza. (...) os padres, como já falei antes, vieram e começaram a conversar pra ele mudar de pensamento e até mesmo os filhos dele dizem que foi uma conversão muito rápida que ele teve, tanto ele quanto a mãe. Pra fazerem essa festa religiosa só mesmo de cunho religioso, sem parte social com dança, mas sim com arraial. Aí eles construíram barracão pra fazer a reza, pra celebrar... Daí surgiu, foi ficando, foi se desenvolvendo e hoje ela tá nessa grandiosidade (Entrevista realizada em novembro de 2018).

O intrigante é que a santa escolhida para devoção não está no rol das devoções difundidas no âmbito do catolicismo popular. Ao contrário, trata-se de uma devoção romanizada, surgida no século XIX. Um ícone das novas formas de devoção incentivadas pela igreja romana. A biografia de santa pode nos ajudar a compreender esse forte apelo subjetivo, de uma espiritualidade contida e interiorizada. Segundo Nilza Megale (2004), antes de ser canonizada pela igreja católica, Santa Teresinha do Menino Jesus chamava-se Teresa Martin. Ela nasceu em 2 de janeiro de 1873 e tornou-se uma

moça muito bonita. Aos 15 anos resolveu entrar para o convento. Devido porém à sua pouca idade, foi recusada no Carmelo de Lisieux. Inconformada, partiu com o pai para Roma, a fim de pedir a autorização do papa Leão XIII para se tornar carmelita. Tendo ainda criança perdido a mãe, somente após o falecimento de seu progenitor, aos 17 anos, conseguiu realizar seu sonho. Teresa, além de especial amor a Maria, procurou servir de corpo e alma ao Menino Jesus, daí o seu nome. Uma de suas frases mais conhecidas é a seguinte: *Quero passar meu Céu a fazer o bem sobre a terra*. Morreu a 30 de setembro de 1897, vítima de tuberculose, porém mesmo doente e bastante debilitada, não deixava de fazer suas penitências diárias. Nos últimos dias de sua existência disse: *Depois da minha morte, farei cair uma chuva de rosas*, o que realmente aconteceu (...). Morreu com 24 anos, mas deixou vários escritos, numa linguagem própria, um tanto infantil, porém de grande riqueza espiritual (MEGALE, 2004, p. 200-201).

Ainda de acordo com a mesma autora, depois de ser canonizada em 1925 pelo papa Pio XI, ela se transformou em

uma das santas mais populares no início do século XX, conhecida como a Santa das Rosas, flores que apareciam nas mãos de Santa Teresinha em todas as suas imagens. Apesar de viver numa comunidade de clausura e de não ter sido importante no meio social, nem no eclesial, foi considerada a “maior santa dos tempos modernos”,

pois viveu uma espiritualidade aliada ao realismo da vida cotidiana. Foi proclamada Doutora da Igreja pelo papa João Paulo II, em 1997 (idem).

Santa Teresinha do Menino Jesus é representada iconograficamente quase sempre a meio-corpo, vestida com o hábito das carmelitas: túnica e véu preto, capa branca abotoada na frente, auréola sobre a cabeça, segurando nas mãos um crucifixo coberto por ramalhetes de rosas” (MEGALE, 2004, p. 202), como se pode ver abaixo.

Imagem 3: Imagem de Santa Teresinha do Menino Jesus



Fonte: Google Imagens. Consulta em 28/11/2018

No Aninga, o início das festividades à Santa Teresinha era bem simples, organizado em torno da presença dos próprios comunitários que por iniciativa de senhor Emilio começaram a adotar a fé e devoção à santa, em resposta ao sinal de um milagre, já que foi com as interseções da santa que o fundador imaginava ter se curado.

Em relação à construção do templo católico que existe na comunidade, o que se pode deduzir pelo relato de todos os colaboradores é que começou apenas com o formato de um barracão coberto de palhas. Lá aconteciam os momentos religiosos da festa como as rezas e novenas. Depois de um tempo ali começou funcionar também a escola da comunidade, como recorda um comunitário: “bom eu lembro assim, vagamente, de um barracão. Aí depois que foi construída a igreja de alvenaria. Claro que o barracão era feito com madeira coberto com palhas, mas a igreja foi feita com alvenaria já depois” (Entrevista com a senhora Maria de Fátima, em novembro de 2018). Outro rememora: “teve uma ajuda do padre Augusto. O Rafael Faraco, que era deputado, também deu ajuda aí, mas a maior foi dos comunitários que ajudaram” (Entrevista com o senhor Nemézio Farias, em novembro de 2018). Um terceiro morador acrescenta:

A construção da igreja foi o seguinte: a primeira igreja, ela foi [feita] pela turma daqui mesmo. Que eu e o meu sogro se reunimo, fomo lá no campo grande, tiremo umas madeira, viemo de lá e truxemos e fizemos um barracão primeiro (...) daí que foi que nós fazia o culto aí dentro desse barracão (Entrevista com o senhor Daniel Cabral, em novembro de 2018)

Apenas uma família ainda possui imagens desse barracão em um momento de celebração da festa, conforme se pode ver a seguir

Imagem 4: Barracão onde se celebrava a festa de Santa Teresinha



Fonte: Acervo particular do Sr. Nemézio Farias

Sobre a imagem de Santa Teresinha que era usada nas rezas, os colaboradores disseram que desde que se lembram ela já existia. Ninguém sabe dizer como o Sr. Emílio a conseguiu em um tempo em que o acesso a esse tipo de bem religioso era caro e difícil, dadas as condições locais. A hipótese mais plausível é que tenha sido presente de um padre ou agente religioso institucional.

Por não haver energia elétrica na localidade, os festejos eram realizados à luz de lamparinas e tochas, como na maioria das comunidades rurais ou periféricas da época. Também é importante ressaltar que os festejos, a princípio, não aconteciam na mesma data de atualmente – dia primeiro de outubro (01.10) mas sim no dia quinze de outubro (15.10), como lembra a senhora Maria de Fátima:

não era assim uma data fixa, mas era em outubro era 15 de outubro, 05 de outubro... e depois eles mesmos, os padres e a comunidade se reuniu... coordenadores de comunidade se reuniram e acharam por bem definir uma data em que justamente eles celebram a data de morte de Santa Terezinha. Não é a data de aniversário de vida, mas sim a de morte que eles celebram.

Então como podemos observar a identidade cultural da comunidade esteve atrelada à questão religiosa. Os fundadores moravam bem no centro da comunidade e começaram os festejos no local. A pouca população da comunidade, que segundo relato do senhor Romero Teixeira era de “umas dezoito (18) casas mais o menos, se tinha mais alguma eu não tô bem lembrado”, participavam. Vinham também pessoas de outras localidades como do Parananema e do Limão de Nossa Senhora das Graças. A própria criação da comunidade também esteve atrelada à identidade católica, pois depois da construção da igreja, começaram outras melhorias como a escola, grupo de Apostolado de Oração, os Marianos. Mais tarde houve a abertura da estrada, o que ajudou que a comunidade que já vinha crescendo se desenvolvesse ainda mais. Sobre a construção em alvenaria da igreja temos duas imagens: uma dos primeiros anos outra da atualidade:

Imagem 5: Igreja de Santa Teresinha na Comunidade do Aninga (dois momentos)



Fonte: Acervo particular do Sr. Nemézio Farias

Podemos dizer que com o passar do tempo é normal as mudanças ocorrerem e que o que se deu no Aninga não é uma exceção. Desde a época da fundação, quando havia apenas um caminho que dava acesso a localidade e o restante era todo de mata fechada, muita coisa se transformou. Podemos imaginar as dificuldades que esse relativo isolamento impunha, já que os moradores não tinham veículos e a locomoção era feita a pé. Logo os que precisavam se ir até o centro da cidade tinham que deslocar andando. Depois com a abertura da estrada as coisas melhoraram, porém no período das chuvas continuava dificultoso o acesso. A estrada era de piçarra e os alunos que estudavam no centro da cidade de Parintins iam pra escola com cuidado para não caírem ou não se sujarem demais. Foi apenas a partir dos anos de 2000 que as melhorias na comunidade foram chegando mais decisivamente, com avanço da infraestrutura básica, com asfalto, eletricidade e água encanada, por exemplo.

Atualmente, como ocorre a festa?

A festa em honra a Santa Terezinha, atualmente acontece no último fim de semana do mês de setembro e vai até o primeiro dia do mês de outubro (23/09 a 01/10), totalizando nove dias (a novena). A comunidade pertence à Paróquia de São Sebastião – Itaúna II. Nos dias que antecedem a festa é comum haver reuniões com a coordenação da comunidade e comunitários, uma vez que se definem comissões de responsáveis pelas atividades como bar, cozinha, banca dos príncipes e princesas, etc.

A igreja é o único templo religioso da comunidade, construída em alvenaria. Ela foi reformada e ampliada no ano de 2014. Fica fechada durante a semana e abre somente aos sábados à noite para a celebração da Santa Missa com a presença de padres enviados pela paróquia e no domingo de manhã para a Celebração da Palavra feita pelo Ministro Extraordinário da Eucaristia (Benedito Marchão) e equipe litúrgica. Apesar da religião católica ser predominante na comunidade do Aninga, em 2018 uma família iniciou uma célula de uma igreja “evangélica” na sua própria residência. Não demorou muito tempo para um pequeno grupo de comunitários começasse a frequentar esse novo ambiente religioso, algo que tende a ter desdobramentos sobre as identidades locais.

Quando se aproximam os dias das festividades em honra a Santa Teresinha, é comum ter a alvorada festiva na madrugada do dia que se inicia o festejo, onde os comunitários pegam seus veículos, se reúnem em frente à igreja e saem em carreata pela comunidade, anunciando e convidando os demais comunitários para participarem da festa.

Na festa da comunidade do Aninga, podemos dizer que há dois momentos que dividem o evento, aqui denominadas de “programação religiosa” e “programação social”. No que concerne a primeira programação, temos o círio de Santa Teresinha do Menino Jesus, este que é um marco importante durante a festa religiosa, onde as famílias se reúnem para a caminhada, com fé e devoção. O círio sempre “sai” da casa de algum morador da comunidade, este que previamente já havia sido voluntário para ornamentar o andor da santa e por conseguinte a caminhada inicia de sua residência e segue em direção a igreja, na caminhada é comum a equipe de cantos entoarem louvores, orações e a população da comunidade sempre acompanhando, é importante ressaltar que como a referida localidade é bem conhecida, por conter um ponto turístico da cidade, vem também fiéis vindos do centro da cidade e dos bairros periféricos, estes que muitas das vezes são devotos de Santa Teresinha. O círio da festa acontece no primeiro dia de festividade, é o marco que inicia a mesma.

A festa em honra Santa Teresinha do Menino Jesus, como dito anteriormente acontece durante um período de nove noites, e seguindo a programação religiosa temos as rezas do terço, as novenas e as missas. As novenas acontecem todas as noites

durante o período da festa e aborda uma temática específica sobre as questões de fé, fazendo reflexões, tudo isso de acordo com a vida da santa padroeira.

A procissão da festa de Santa Teresinha é um dos momentos que marcam o encerramento das festividades da santa. Neste momento ocorre uma caminhada com o andor da santa, com a presença de um padre, o Ministro Extraordinário da Eucaristia e os devotos da santa. Nesse momento a equipe de cantos com os devotos saem entoado cânticos e orações.

Como o único meio de acesso terrestre à comunidade é a estrada Dário Silva, a procissão segue até certa parte da estrada e retorna para a igreja. Após este momento, é celebrada a Santa Missa com a presença do Bispo da Diocese de Parintins ou Vigário da Paróquia a qual a comunidade é pertencente. Anos anteriores a reforma e ampliação da igreja, a missa de encerramento da festa era “missa campal”, ou seja, uma celebração eucarística fora da igreja, num ambiente de maior extensão, e que pudesse contar com a participação de todas as pessoas que participaram da procissão, uma vez que a antiga igreja era pequena e não comportava todas essas pessoas.

A ornamentação da igreja é feita pelas senhoras do grupo do Apostolado de Oração que adornam os bancos, as colunas da igreja e outros ambientes com flores. E o arraial é enfeitado pelo grupo de jovens (Jovens Amigos de Cristo - JOAC), que reúnem-se para fazer as bandeirolas e um dia antes dos festejos iniciarem enfeitam o arraial que acontece na frente da igreja.

O arraial da festa, está mais ligada à programação social, uma vez que é nesse momento que acontece os bingos, leilões, show de calouros e outras apresentações. Geralmente é animado por uma banda que é contratada para tocarem algumas músicas, no arraial, também tem as “barracas”, como as dos príncipes e princesas com venda de guloseimas, a barraca do bingo, a cozinha da festa, com venda de prato sortido e galinha caipira e o bar funcionando apenas com a venda de refrigerante e água, uma vez que as bebidas alcoólicas não podem mais ser vendidas e nem consumidas no quadro da comunidade.

Uma questão levantada em acordo com a Diocese de Parintins, definida em Assembleia Diocesana de Pastoral de Parintins está intrinsecamente relacionado a venda e consumo de bebidas alcoólicas nos arraiais das festas de santo. Segundo o Diretório das comunidades católicas rurais da Diocese de Parintins (2015, p.20) “é proibido vender e consumir bebidas alcoólicas de qualquer natureza, no contexto da Festa do Padroeiro (a) (na quadra da comunidade), impedindo – se a entrada de pessoas com bebidas que as adquiram em outros locais”. A respeito disse o colaborador M comenta:

Foi uma grande iniciativa por que se a gente faz uma festa religiosa e a gente vai pra uma celebração ou história de vida de um santo que a gente comemora e depois a gente sai de lá pro arraial pra parte religiosa pra venda de bebida eu acredito que não bate bem não, não se associa então se nós estamos em um novenário do padroeiro, seja qual for o padroeiro que estamos realizando o festejo , a gente vai para a celebração pra parte religiosa ouve muito bem as pregações, se falando dos Evangelho do dia da história do santo, da história de vida ai ótimo, ai quando a gente sair de lá a gente vai pra beira de bar, pra venda de bebida, então isso ai foi assim um trabalho muito satisfatório, uma ideia satisfatória que não foi só da diocese mas foi em reunião com conselhos que tomaram essa iniciativa de proibição da bebida e não houve ao meu ver quedas assim na receita da festa no rendimento. (Entrevista realizada com o colaborador M, novembro de 2018)

Durante a festa da padroeira da comunidade do Aninga, seguindo a programação social, temos também a parte desportiva com o torneio da festa e as corridas, pedestre e ciclística. Essas competições acontecem geralmente no final de semana, as corridas são realizadas pela parte da manhã e quem participa são os próprios comunitários. Já o torneio acontece pela parte da tarde e conta com a participação de times de diversas localidades da cidade, iniciando geralmente às 14:00h e encerrando por volta das 17:30h, isso porque quem organiza o torneio fica responsável para que o mesmo encerre antes que comece a novena e a reza do terço.

Portanto tudo que foi descrito acima ocorre nos nove dias de festividades em honra a Santa Teresinha do Menino Jesus, este evento que movimenta grande parte dos integrantes da comunidade e pessoas de outros lugares que buscam ajudar na realização da mesma, uma vez que neste evento as pessoas se reúnem, juntam-se os grupos de amigos, grupos estes que há tempo não se viam, a festividade também reforça esse laço de irmandade. Como a festa e a comunidade recebe muitas pessoas novas, que adquirem terras ou tem alguma admiração pelo lugar é comum também pessoas que moram na capital do estado (Manaus) fazerem pequenas doações para ajudar na organização da festa.

Considerações finais

A comunidade Santa Terezinha, popularmente chamada apenas de comunidade do Aninga, área rural do município de Parintins, sofreu e continua tendo transformações significativas em suas características físicas e sociais. Isto é notável, pois os novos comunitários trazem bagagens históricas diferentes das dos moradores da comunidade, e alguns hábitos e costumes de identidade da sociedade comunitária acabam por se perder, pois, as novas pessoas que adquirem terrenos no Aninga, em sua maioria, não tem

entrosamento, muita das vezes não sabemos nem quem são nossos vizinhos. As derubadas, exploração dos lagos, retirada de barro para aterros, tudo isso causa um impacto de mudança no cenário local. Por tratar-se de uma comunidade que fica bem próximo ao centro da cidade e da urbanização, o local tem sofrido forte influência o que explica as modificações ocorridas. Com a urbanização da comunidade, chegada da camada asfáltica na estrada, instalação de linhas de energia elétrica e do sistema de abastecimento de água, a referida localidade já atinge um patamar de bairro, pois conta com muitas famílias, muitas residências, pequenos comércios, restaurantes, um ponto turístico da cidade o “Complexo de Esporte e Lazer Santa Galo” que nos finais de semana atraem um grande número de pessoas para a comunidade.

É notório ressaltar que não podemos comparar a vida de antigamente com a vida atual. Os tempos são outros. Mas a verdade que apesar das mudanças algumas coisas não perdem a essência, por exemplo, a festa em honra a Santa Teresinha do Menino Jesus, evento este que acontece na comunidade do Aninga, apesar da mudança de data que antigamente era celebrada a reza no dia quinze de outubro (15/10) e da década de 1960, com a ajuda e participação efetiva da Igreja Católica, com os padres do PIME a festa tomou o contexto que se tem atualmente, com o arraial, novenas, missas e etc. e passou ser celebrada no dia primeiro do mês de outubro (01/10).

Portanto, a presente pesquisa irá contribuir de forma significativa no esclarecimento acerca de alguns aspectos sobre a trajetória histórica religiosa da comunidade abordada e será de grande relevância para os moradores, para a escola e para futuros pesquisadores que poderão utilizar-se desta fonte para estudos futuros.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O Carnaval devoto**: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. “Festas religiosas e populares na Amazônia”.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. “Festa e religião: abordagens ampliadas e diversificadas”. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres (org.). **Festa e religião**: Imaginário e Sociedade em Minas Gerais. Juiz de Fora: Templo Editora, 2003. pp. 07-22.

CÉRQUA, Dom Arcângelo. **Clarões de fé no Médio Amazonas**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer. “Nossa Senhora da Conceição: entre o rural e o urbano na festa de Ibitipoca. In: PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres (org.). **Festa e religião**: Imaginário e Sociedade em Minas Gerais. Juiz de Fora: Templo Editora, 2003. pp. 41-56.

FRAXE, Teresinha J. P.. **Cultura cabocla-ribeirinha**: mitos, lendas e transculturalidade. Manaus: EDUA, 2000.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular”. In: **Norte Ciência**. v. 2, n. 1, 2011. pp. 01-26.

MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de ouro dos Santos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PRIORE, Mary Del. **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

Fontes orais

Eduardo Paixão de Souza. Entrevista realizada por Eulina Lima Ribeiro em 29 de abril de 2014.

Daniel Cabral Paes. 80 anos, comunidade Santa Terezinha – Aninga, 27 de nov. de 2018.

Maria de Fátima Machado Marchão, 63 anos, comunidade Santa Terezinha – Aninga, 28 de nov. 2018.

Nemézio Farias Damasceno, 76 anos, comunidade Santa Terezinha – Aninga, 28 de nov. 2018.

Romero Teixeira da Silva, 77 anos, comunidade Santa Terezinha – Aninga, 28 de nov. 2018.